

Análise em Caminhografia Urbana: paisagem, território, cultura e natureza nas margens do Canal São Gonçalo, Pelotas (Brasil)

Analysis in Urban Walkography: landscape, territory, culture, and nature along the margins of the São Gonçalo Canal, Pelotas (Brazil)

Análisis en Caminografía Urbana: paisaje, territorio, cultura y naturaleza en los márgenes del Canal São Gonçalo, Pelotas (Brasil)

Eduardo Rocha*

Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Pelotas (RS), Brasil.
eduardo.rocha@ufpel.edu.br

Andrea Paola Fondevila Salcedo

Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Pelotas (RS), Brasil.

Daniela Vieira Goularte

Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Pelotas (RS), Brasil.

Jaqueline Harumi Dias**Takahashi**

Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Pelotas (RS), Brasil.

Tais Beltrame dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
Faculdade de Arquitetura; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura.
Porto Alegre (RS), Brasil.

* Autor correspondente.

CRedit

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; *Software*; Supervisão; Validação; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição: ROCHA, E.; SALCEDO, A. P. F.; GOULARTE, D. V.; TAKAHASHI, J. H. D.; SANTOS, T. B.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): Chamada Pública MCTI/CNPq nº 14/2023 – Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação; e Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023 – UNIVERSAL Faixa B – Grupos Consolidados.

Aprovação de ética: Os autores certificam que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.

Uso de I.A.: Utilizou-se o ChatGPT como ferramenta auxiliar para sugestões de revisão e tradução de texto, seguindo protocolos de validação e autoria crítica por parte do autor correspondente, que assume integral responsabilidade pelo conteúdo final.

Editores responsáveis: Daniel Sant’Ana (Editor-Chefe); Ana Elisabete Medeiros (Editora Associada); Elane Ribeiro Peixoto (Editora Associada); Aline Stefânia Zim (Editora Associada); Sarah Adorno Blanco Vencio (Assistente editorial).

Resumo

Este artigo apresenta uma experiência de caminhografia urbana realizada ao longo das margens do Canal São Gonçalo, em Pelotas, Brasil, durante o primeiro semestre de 2024. Por meio de cinco caminhadas realizadas por um grupo de 14 pesquisadores, foram aplicadas as fases metodológicas de registro, jogo e criação, possibilitando a exploração das relações entre cultura, natureza e ambiente construído em um território específico. A análise colaborativa, apoiada por uma mesa interativa digital, gerou um mapa que sintetiza os registros e sensações dos caminhantes, evidenciando a produção de subjetividades individuais e coletivas. Este estudo contribui para reflexões sobre a integração entre cultura e natureza na gestão da paisagem e do território, propondo novas formas de apreensão e interação com os espaços urbanos e as margens dos corpos d'água. Em um contexto que exige abordagens interdisciplinares e prospectivas, a pesquisa sugere novos paradigmas para o planejamento e o projeto territorial a partir de uma abordagem múltipla e contemporânea.

Palavras-Chave: Caminhografia urbana; Paisagem e território; Canal São Gonçalo/ Pelotas/ RS/ Brasil; Margens urbanas; Produção de subjetividades.

Abstract

This article presents an urban walkography experience conducted along the margins of the São Gonçalo Canal in Pelotas, Brazil, during the first half of 2024. Through five walks performed by a group of 14 researchers, the methodological phases of recording, playing, and creating were applied, facilitating the exploration of relationships between culture, nature, and the built environment within a specific territory. Collaborative analysis, supported by an interactive table, generated a map synthesizing the walkers' records and sensations, evidencing the production of individual and collective subjectivities. This study contributes to reflections on the integration of culture and nature in landscape and territory management, proposing new ways of apprehending and interacting with urban spaces and their margins. In a context demanding interdisciplinary and prospective approaches, the research suggests new paradigms for territorial planning and design.

Keywords: Urban walkography; Landscape and territory; Canal São Gonçalo/ Pelotas/ RS/ Brazil; Urban margins; Subjectivity production.

Resumen

Este artículo presenta una experiencia de caminografía urbana desarrollada en las márgenes del Canal São Gonçalo, en la ciudad de Pelotas, Brasil, durante el primer semestre de 2024. A partir de cinco recorridos realizados por un grupo de 14 investigadores, se aplicaron las fases metodológicas de registrar, jugar y crear, facilitando la exploración de las relaciones entre cultura, naturaleza y espacio construido en un territorio específico. El análisis colaborativo, apoyado en una tabla interactiva, generó un mapa que sintetiza los registros y las sensaciones de los caminantes, evidenciando la producción de subjetividades individuales y colectivas. Este estudio aporta a la reflexión sobre la integración de cultura y naturaleza en la gestión del paisaje y el territorio, proponiendo nuevas formas de aprehensión e interacción con los espacios urbanos y sus márgenes. En un contexto que demanda abordajes interdisciplinarios y prospectivos, la investigación sugiere nuevos paradigmas para la planificación y diseño territorial.

Palabras clave: Caminografía urbana; Paisaje y territorio; Canal São Gonçalo/ Pelotas/ RS/ Brasil; Márgenes urbanas; Producción de subjetividades.

1 Introdução

As margens urbanas, sejam elas margens e corpos de água ou regiões mais periféricas da cidade, frequentemente relegadas nos processos tradicionais de urbanização, representam espaços singulares de interação complexa entre dinâmicas sociais, culturais, ecológicas e espaciais. Esses territórios liminares, como as margens do Canal São Gonçalo, em Pelotas, Brasil, constituem um cenário privilegiado para repensar as relações entre paisagem e território, nas quais cultura e natureza se entrelaçam de forma inseparável.

Este artigo apresenta uma análise crítica baseada em uma experiência de caminhografia urbana realizada durante o primeiro semestre de 2024, que explorou a produção de subjetividades e as formas de interação entre corpo, espaço construído e ambiente natural nessas margens urbanas. A caminhografia, como metodologia inovadora, permitiu uma abordagem transdisciplinar e participativa, gerando conhecimentos que transcendem as divisões tradicionais entre o social, o ambiental e o territorial.

Partindo das conceituações de Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs* (2011, 2012) que propõem compreender o corpo como um campo dinâmico de forças, intensidades e relações, a pesquisa sustenta uma visão integrada do território não apenas como um espaço físico ou geográfico, mas como um modo de ser, habitar e construir sentidos compartilhados experienciando o desejo e o corpo sem órgãos. Essa perspectiva oferece um marco para refletir sobre a separação histórica entre cultura e natureza, propondo a recuperação de sua inseparabilidade na gestão contemporânea das paisagens e dos territórios inclusive subjetivos.

A problemática central deste estudo busca responder: como a caminhografia urbana, ao se situar nas margens do Canal São Gonçalo, permite revelar as relações constitutivas entre cultura, natureza e espaço construído, e em que medida essas relações contribuem para a produção de subjetividades, a agência territorial e novas narrativas ambientais? Para tanto, foram realizados cinco percursos que possibilitaram a coleta colaborativa de registros sensoriais, emocionais e espaciais, os quais foram sistematizados em um mapa interativo que sintetiza os agenciamentos emergentes.

Os achados evidenciam que as margens do Canal São Gonçalo são territórios de alta complexidade, onde as tensões e sinergias entre história, cultura e natureza abrem possibilidades para imaginar e praticar novos paradigmas ambientais e sociais. Nesse sentido, a caminhografia urbana se posiciona como uma ferramenta metodológica que contribui para superar a fragmentação entre disciplinas, favorecendo abordagens integradas e prospectivas para o planejamento, o projeto e a gestão da paisagem e do território.

Este artigo está estruturado em quatro partes: na primeira, contextualiza-se teoricamente o estudo, com ênfase nos conceitos de corpo sem órgãos (Deleuze; Guattari, 2012), produção de subjetividade (Guattari, 1992) e agência territorial (Deleuze; Guattari, 2014); na segunda, detalha-se a metodologia de caminhografia urbana aplicada; na terceira, apresentam-se e analisam-se os resultados emergentes dos cinco trajetos; por fim, discutem-se as implicações do estudo para os estudos urbanos, o projeto territorial e os

novos paradigmas ambientais, propondo caminhos para futuras pesquisas transdisciplinares.

2 Paisagens em devir: corpo sem órgãos, subjetividades e margens urbanas

2.1 Corpo sem órgãos e a experiência na margem

O conceito de corpo sem órgãos, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs*, vol. 3 (2012), rompe com a visão do corpo como um organismo funcional, regulado por normas biológicas e sociais. Para os autores, o corpo é uma multiplicidade de fluxos e intensidades, um campo de forças que resiste à organização hierárquica e funcional. Eles propõem a ideia de um corpo sem órgãos (CsO), que não é definido por funções, mas por zonas de intensidade, limiares, gradientes, migrações e pulsos. “Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 12). Esse conceito rejeita a estruturação rígida e abre o corpo à experimentação e à criação de novos modos de existência abertos à imanência do desejo.

Nas margens do Canal São Gonçalo, o corpo não se manifesta como um ser disciplinado e codificado, mas como uma instância aberta à experiência urbana. Como propõe em Eduardo Rocha (2024) em *TRANScidade*, a margem pode ser tida como território de transição e incerteza, revela-se um espaço propício para que os corpos se libertem das lógicas organizativas impostas pela cidade, dos organismos segmentados e funcionais da filosofia francesa. A margem é em si mesma, é um corpo sem órgãos. “O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo [...], ele se opõe [...] à organização orgânica dos órgãos” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 24). O organismo sendo, para ambos autores, a acumulação formal de funções, ligações e organizações hierarquizadas que visam cumprir funções úteis. O CsO além de não ter forma, persegue o desejo e não a utilidade. A margem pode ser espaço-tempo de acontecimento de um CsO que existe nas cidades e pode escapar de suas codificações habituais, abrindo-se a fluxos de subjetivação que transcendem o uso funcional e normativo do espaço.

A caminhografia urbana realizada nas margens do canal permite a emergência dessas experiências, que se distanciam do idealismo de seguir a lógica de um organismo centralizado e buscam interagir com as forças desorganizadas do território. O corpo se torna um corpo que foge, que escapa da codificação, que desterritorializa o espaço, criando novas formas de interação com o entorno. Dessa maneira, a experiência na margem do canal evidencia a produção de subjetividades que se desmarcam da normatividade urbana, revelando um corpo em constante devir, aberto às potências de transformação e experimentação que emergem na interação com o espaço liminar.

2.2 Subjetividade e desterritorialização: o CsO como agenciamento coletivo

Segundo Félix Guattari (1992), em *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético*, a produção de subjetividade não é um processo interno ou individual, mas um fenômeno coletivo e dinâmico, sempre em construção e profundamente influenciado por fluxos sociais, políticos e culturais. Para Guattari, a subjetividade não se reduz a uma essência fixa, mas é continuamente produzida no interior de máquinas sociais, midiáticas, técnicas e afetivas que a tensionam. A ideia de subjetividade coletiva pode ser articulada com o

conceito de “corpo sem órgãos” (CsO), ideia central de Guattari e Deleuze (2012), já mencionada.

O CsO, descrito como um campo de intensidades e fluxos, desorganiza o corpo em suas funções biológicas e sociais, transformando-o em um território de experimentação e abertura para novas formas de subjetivação. Para Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos é como um plano de consistência, no qual as produções de subjetividade podem ocorrer sem estar restritas a significações predeterminadas. Ele é “necessariamente um Lugar, necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo [...]” (2012, p. 28). Nesse sentido, a subjetividade não preexiste ao corpo, mas emerge à medida que este se desvincula das codificações e limites impostos pelos órgãos.

Nas caminhografias realizadas nas margens do Canal São Gonçalo, essa produção de subjetividade ocorre de forma coletiva, à medida que os corpos dos participantes se envolvem com o território, reagindo e co-criando com ele. A margem, como espaço liminar, favorece a produção de subjetividades não disciplinadas, conectando-se com a ideia de desterritorialização proposta por Deleuze e Guattari (2011), onde a produção de subjetividade resulta de processos de singularização que se desenvolvem em diferentes níveis de interação com o mundo, e que são profundamente heterogêneos e complexos.

Assim, o CsO permite que o corpo se torne um espaço de resistência à normatividade, onde podem emergir novas formas de subjetividade. No contexto da caminhografia urbana, o CsO se desdobra em práticas e experiências que desafiam as representações tradicionais do corpo urbano e da cidade, gerando subjetividades que não se conformam às lógicas centralizadas do planejamento urbano, mas que se reinventam nas margens, na fluidez e nos encontros com o espaço. Esses modos de existir no mundo, onde produção de subjetividade se dá a partir de um campo em constante transformação e onde as forças heterogêneas se multiplicam podem ser compreendidos, a partir de Deleuze e Guattari (2011) como formas de territorialização. Para os autores, o território não é algo fixo ou dado, mas uma produção contínua que se dá através de movimentos que eles denominam ritornelo, um processo que envolve territorializar, desterritorializar e reterritorializar. Esse ciclo é fundamental para pensar a constituição dos espaços, das subjetividades e das relações entre corpo e cidade. Nesse contexto, o conceito de desterritorialização ganha centralidade como força disruptiva e criadora.

Desterritorializar é romper com os modos estabelecidos de organização, identidade e significação que moldam o espaço, o corpo e a própria subjetividade. Trata-se de uma fuga das codificações dominantes, normas urbanísticas, formas de produção do saber, dispositivos de controle, que tendem a fixar e homogeneizar a experiência no centro das cidades, mas também em suas margens. Ao se desterritorializar, o corpo escapa às linhas de força do que é normativo, permitido ou esperado, e entra em um plano de experimentação, abrindo-se à emergência de novos modos de vida. Esse processo é uma criação: uma potência de invenção de novos territórios existenciais. Como afirmam Deleuze e Guattari (2011), não há desterritorialização que não implique também uma reterritorialização, ou seja, a criação de outros sentidos, outras formas de habitar, outras cartografias afetivas.

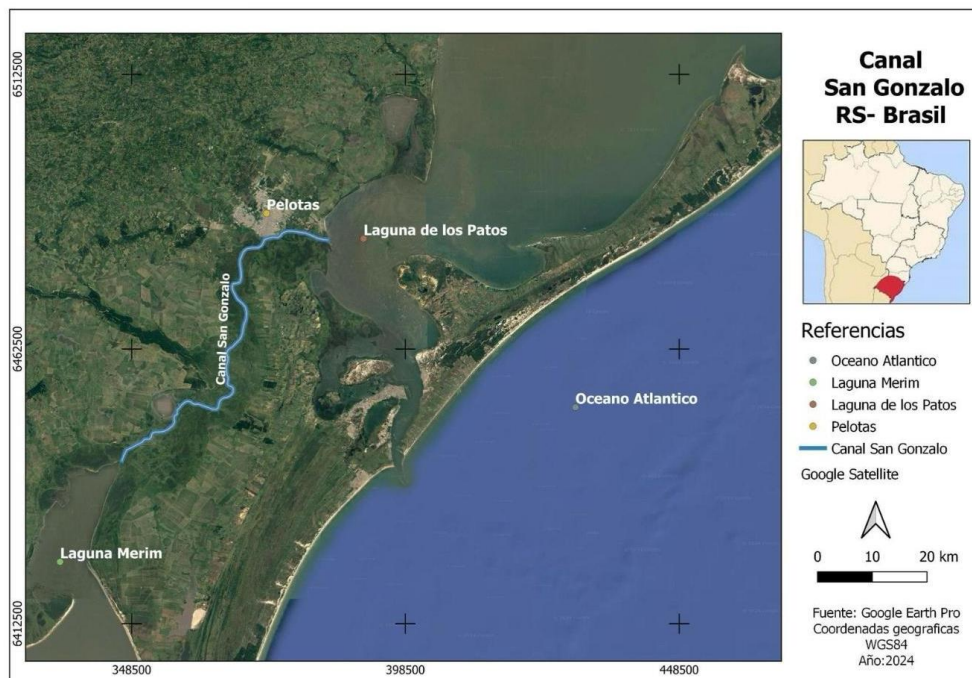
As caminhografias urbanas realizadas nas margens do Canal São Gonçalo exemplificam esse processo em ação. Ao caminhar por espaços usualmente marginalizados, os corpos em deslocamento, principalmente arquitetos e urbanistas, desterritorializam as

representações e usos normativos da cidade planejada. Nesses percursos, o território não é simplesmente transitado, mas ativado como campo de afecção e reinvenção. As caminhografias se tornam, assim, práticas micropolíticas de reencantamento e reconexão com o espaço urbano, gestos que afirmam a pluralidade dos modos de habitar e resistem à captura pelos regimes de visibilidade e controle que organizam a cidade hegemônica segmentada e os organismos. Desterritorializar, nesse sentido, é também um gesto ético-estético de abrir fendas no instituto, de criar frestas por onde novas formas de vida possam emergir, de dar vazão ao desejo do CsO. É uma tática de resistência e invenção frente às máquinas de captura da cidade neoliberal, que tendem a expulsar, normatizar ou invisibilizar aquilo que escapa à lógica do lucro, da velocidade, da utilidade e da produtividade.

2.3 Margens urbanas como espaços liminares e de resistência

O Canal São Gonçalo, localizado no sul do Brasil, conecta as lagoas Mirim e dos Patos (Figura 1), configurando-se como uma via fluvial histórica e um território de profunda significação ambiental e cultural. Suas margens têm sido tradicionalmente habitadas por comunidades ancestrais da cidade de Pelotas, espaços que hoje enfrentam a pressão de projetos imobiliários especulativos de alto padrão e dinâmicas urbanas conflituosas. Essas áreas marginais, apesar de sua importância simbólica e ambiental (Figueiredo et al., 2023), coexistem com processos de exclusão, violência simbólica e institucional, dando lugar a uma paisagem marcada pela precariedade, pela resistência e por um potencial constante de ressignificação.

Figura 1: Mapa do Canal São Gonçalo.



Fonte: Autores, 2024.

Nos debates contemporâneos sobre urbanismo e paisagem, as margens de rios e canais são reconhecidas como zonas liminares ou “espaços intersticiais” (Escobar, 2018), onde a cidade formal se confronta com formas de vida e dinâmicas informais que desafiam a homogeneização urbana e a lógica do mercado. Essas áreas são frequentemente

associadas à informalidade, ao risco e à invisibilidade social, mas também a práticas resilientes e significativas de apropriação e produção do território. No caso do Canal São Gonçalo, suas margens abrem uma janela crítica para refletir sobre as consequências de políticas urbanas historicamente negligenciadas e centralizadas, que não conseguem integrar as múltiplas dimensões sociais, culturais e ecológicas ali coexistentes.

A partir de uma perspectiva de paisagem compreendida como campo relacional, no qual cultura e natureza se entrelaçam de forma inseparável (Ingold, 2011; Casey, 1997), as margens do Canal São Gonçalo emergem como uma “paisagem em devir” (Escobar, 2018), um processo dinâmico no qual fluxos de pessoas, materiais, memórias e afetos se misturam e se ressignificam. Em vez de serem concebidas unicamente como espaços de exclusão, essas margens podem ser pensadas como territórios de resistência, criação e experimentação social e simbólica.

Nesse sentido, propomos compreender as margens do Canal São Gonçalo como uma paisagem liminar, isto é, um espaço de transição e transformação contínua, onde o urbano e o natural, o formal e o informal, o visível e o latente se entrelaçam. Inspirados por autores como Escobar (2018) e Ingold (2011), entendemos a paisagem liminar como um campo relacional e instável, que resiste às fixações disciplinares do planejamento urbano e abriga múltiplas camadas de memória, afeto e disputa territorial.

Os espaços marginais como esses são férteis para a produção de subjetividades heterogêneas e para a gestação de modos alternativos de habitar e se relacionar com o território, ao se distanciar da centralização e da hierarquização que caracterizam a cidade formal. Essas zonas representam, nos termos de territórios provisórios, abertos a novas possibilidades de significação e existência, nos quais as estruturas rígidas se dissolvem para dar lugar a configurações espaciais e sociais plurais. Essas margens revelam uma dinâmica espacial e social em constante transformação. O espaço não é estático, mas se configura permanentemente a partir das tensões entre os ciclos naturais e as forças do capitalismo globalizado e do centro capitalizador¹.

3 Caminhografia urbana: metodologia

A caminhografia urbana, utilizada como metodologia neste estudo, articula o ato de caminhar pela cidade com a observação, o registro e a interpretação das dinâmicas urbanas e socioespaciais. Essa prática investigativa permite uma imersão sensorial e crítica nos espaços percorridos, explorando as subjetividades e as interações que emergem na relação corpo-território. Conforme o *Verbolário da Caminhografia Urbana* (Rocha; Santos, 2024), a caminhografia não é apenas uma maneira de conhecer o território, mas uma forma de habitar o espaço, onde o movimento do corpo desempenha um papel fundamental na produção de sentido. Essa abordagem metodológica privilegia a experiência direta, capturando os fluxos e as camadas simbólicas e subjetivas do espaço urbano, ao mesmo tempo em que observa também a cidade formal, formalizada, seus limites e desvios

No contexto da disciplina de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a caminhografia urbana foi adotada como ferramenta

¹ Ver “capitalizar” em *Verbolário da Caminhografia Urbana* (Rocha; Santos 2024).

investigativa para o estudo das margens do Canal São Gonçalo. Entre outras imersões de campo, durante o primeiro semestre de 2024, 14 pesquisadores realizaram cinco caminhadas ao longo das margens do canal, com o objetivo de caminhografar as dinâmicas espaciais, sociais e ambientais a partir da ação. O método foi estruturado em três etapas principais, conforme a metodologia caminhográfica: registrar, jogar e criar (Rocha; Santos; Del Fiol, 2024).

- **Registrar:** A primeira etapa foi dedicada à documentação das paisagens e interações urbanas por meio de fotografias, anotações de campo, gravações de áudio e vídeo, além do uso de dispositivos de georreferenciamento para mapear os percursos. Segundo Rocha e Santos (2024), registrar durante a caminhada implica não apenas a captura de imagens e sons, mas também a inscrição das sensações e afetos que emergem do contato direto com o território. Essa fase foi essencial para a construção de um inventário das margens do canal.
- **Jogar:** A segunda etapa envolveu uma abordagem mais lúdica e experimental do espaço, promovendo a deriva e a exploração criativa. Inspirados nas práticas da deriva situacionista², os participantes foram incentivados a romper com rotas pré-definidas, permitindo-se descobrir o território por vias inesperadas. Esse “jogar” no espaço, baseado no *Verbolário da Caminhografia Urbana*, abre novas perspectivas de leitura do entorno, desestabilizando as fronteiras entre observador e espaço (Rocha; Santos, 2024).
- **Criar:** Na última etapa, os registros foram sistematizados em uma mesa interativa compartilhada entre os pesquisadores, resultando em um grande mapa-registro-análise. Esse mapa consolidou as sensações individuais e coletivas e permitiu visualizar os fluxos e dinâmicas observadas. A fase de criação, segundo Rocha e Santos (2024), não se limita a uma representação gráfica do percurso, mas busca a produção de novas subjetividades por meio da leitura crítica do espaço.

A metodologia da caminhografia urbana, conforme proposta em *Verbolário da Caminhografia Urbana*, mostrou-se particularmente eficaz para analisar as margens do Canal São Gonçalo, um território frequentemente marginalizado pela lógica convencional do planejamento urbano. Ao articular corpo, espaço e subjetividade, a caminhografia revelou novas formas de perceber e interagir com as margens, criando um campo fértil para o desenvolvimento de subjetividades alternativas e uma compreensão mais profunda da relação entre corpo e cidade.

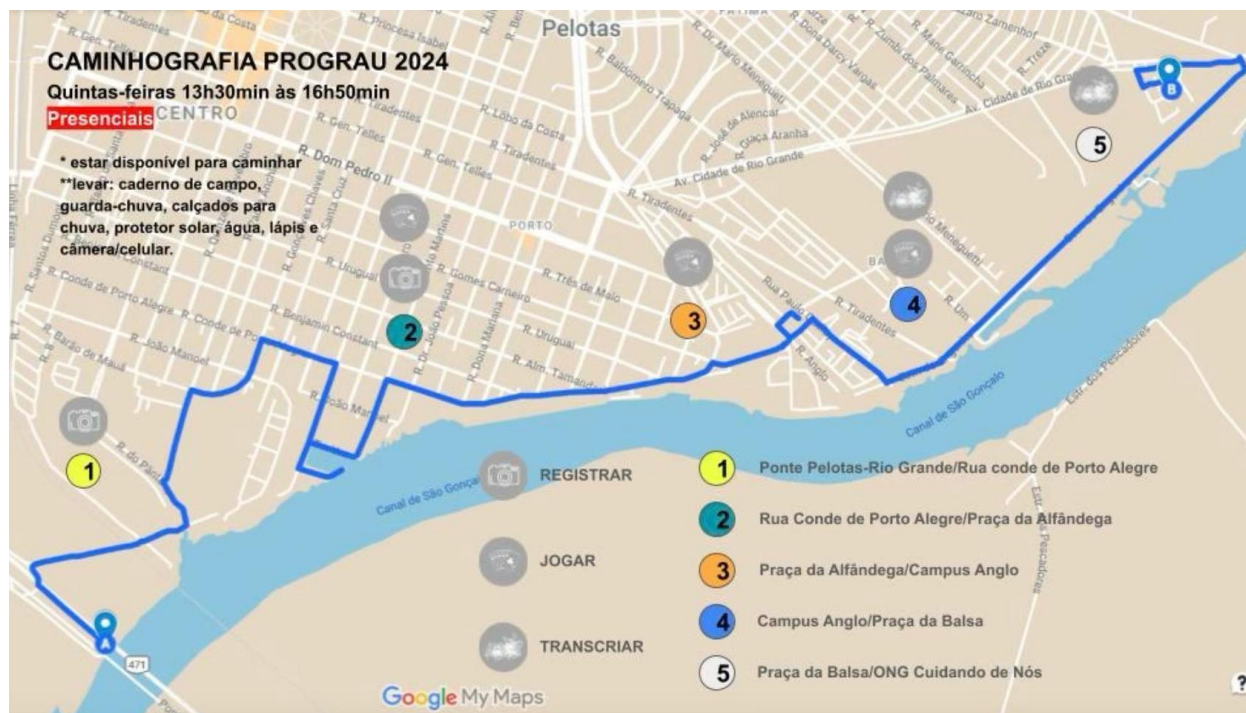
Entre os dias 20 de junho e 18 de julho de 2024, foram realizadas cinco caminhadas ao longo das margens do Canal São Gonçalo, sempre às quintas-feiras à tarde (Figura 2). As atividades foram divididas em três ações principais durante o percurso: registrar (com a coleta de fotografias e vídeos), jogar (incluindo o uso de filtros do *Instagram*³ e conversas com os moradores locais) e transcriar (realização de uma intervenção urbana chamada

² A *dérive* (ou deriva) é um conceito desenvolvido pelos situacionistas, particularmente por Guy Debord (1997), na década de 1950. Trata-se de uma técnica de exploração urbana em que os participantes se deixam conduzir pelas sensações e pela geografia emocional dos espaços, desvinculando-se de objetivos predefinidos ou de itinerários planejados. Essa prática busca revelar as dinâmicas sociais, estéticas e políticas do ambiente urbano, subvertendo a lógica utilitarista das cidades contemporâneas. Mais do que um passeio, a *dérive* é uma forma crítica e experimental de viver e interpretar os territórios urbanos

³ (Des)orientação: [instagram.com/ar/880075213407631](https://www.instagram.com/ar/880075213407631).

“Bem-vindos ao Passo dos Negros”⁴). Essas ações se entrelaçam ao longo das caminhadas, e todos os caminhógrafos anotam suas impressões em seus cadernos de campo. Ao final de cada caminhada, também era produzida uma escrita coletiva. Os dados gerados durante as caminhadas foram posteriormente descarregados em um drive e organizados em uma tabela coletiva, o que permitiu uma síntese colaborativa das informações obtidas na experiência.

Figura 2: Mapa das 5 caminhadas realizadas na investigação.



Fonte: Autores, 2024.

4 Caminhar, sentir, analisar: resultados em processo

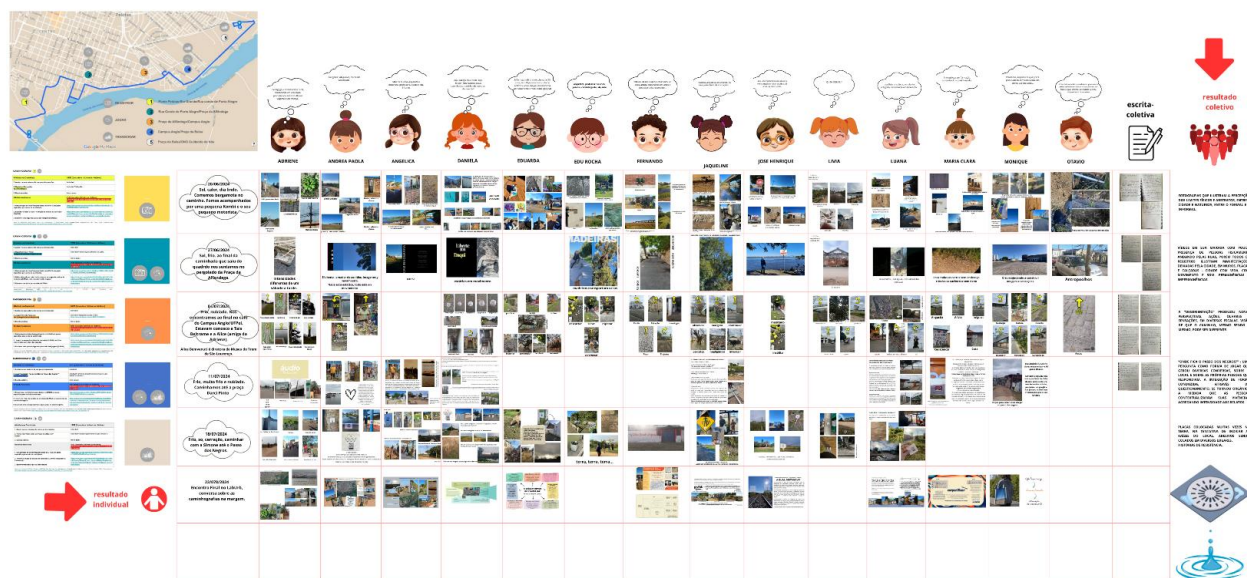
Toda a análise dos resultados foi realizada a partir da tabela coletiva apresentada na Figura 3, que sintetiza as interpretações dos 14 pesquisadores participantes nas cinco caminhadas realizadas ao longo das margens do Canal São Gonçalo, durante o primeiro semestre de 2024.

O mapa final da tabela destaca tanto os resultados individuais quanto os coletivos. A análise dialógica entre as sensações e registros particulares dos participantes e a construção compartilhada do conhecimento revelou uma rica diversidade de interpretações sobre as margens do canal. Ao cruzar os diferentes olhares, foi possível identificar tanto convergências quanto divergências nas experiências e nas atribuições de significado ao espaço. Essa dinâmica colaborativa permitiu construir um conhecimento mais profundo e matizado sobre o território, superando as limitações da análise individual e fomentando a produção coletiva de subjetividades.

⁴ Ver mais sobre o *Passo dos Negros* em Langone (2024b). Disponível em: <https://www.analangone.art/passodosnegros>. Acesso em: 29 out. 2025.

A elaboração do mapa-síntese possibilitou visualizar distintas camadas de significado atribuídas ao espaço, revelando a complexidade das relações entre corpo, espaço, paisagem e subjetividade nas margens do canal. A partir desse processo, emergiram novas categorias de análise e interpretações que enriqueceram a compreensão das dinâmicas sociais e culturais presentes no contexto investigado.

Figura 3: Tabela coletiva com a síntese da pesquisa.



Fonte: Autores, 2024.

A caminhografia urbana, aplicada neste contexto, revelou-se como uma metodologia dinâmica, na qual tanto o objeto de estudo quanto o próprio pesquisador se transformam mutuamente. A imersão profunda no território promoveu não apenas a coleta de dados, mas também a reconfiguração das percepções sensoriais e afetivas dos participantes.

Cada uma das caminhadas foi orientada por um tema central, que estruturou as interpretações e os registros do grupo:

- Rota 1: Fotografar a Abstração – Figura, Mundo Aberto / Mundo Fechado.
- Rota 2: Imagem – Imagem-Tempo e Imagem-Movimento.
- Rota 3: Desorientação – Liso (planejado) e Estriado (acaso).
- Rota 4: Jogo – Interação a partir da pergunta: Onde fica o “Passo dos Negros”?
- Rota 5: Transcrição – Caminhada ao “Passo dos Negros” com pequenas placas de contextualização inseridas ao longo do trajeto.

A experiência de caminhar pelas margens do canal desafiou os pesquisadores a cruzar fronteiras visíveis e invisíveis, gerando sensações de desconforto e até de estar invadindo um território desconhecido, a própria experiência do CsO. Embora o Canal São Gonçalo faça parte do tecido urbano de Pelotas, muitos participantes sentiram estar transitando por outra cidade, ao experimentar realidades e modos de vida profundamente distintos. O frio, o medo e os odores característicos dos espaços percorridos marcaram fortemente a dimensão sensorial da caminhografia.

A caminhada urbana foi, nesse sentido, um processo transformador para os pesquisadores. A cidade, antes conhecida por mapas ou representações cartográficas, foi redescoberta corporalmente, cada um sentiu o território de maneira singular e a partir dessa imersão, modificou também seu próprio território existencial. A interação coletiva, fortalecida pela escrita colaborativa ao final de cada jornada, gerou uma sinergia que alimentou a produção do conhecimento territorial.

Durante o percurso, para além do registro visual e sonoro, os pesquisadores também interagiram com habitantes locais, estabelecendo diálogos espontâneos ou a partir de perguntas disparadoras. Uma conversa de quase uma hora com Luís, ex-pescador que vive às margens do canal e mantém uma conexão profunda com essa paisagem, destacou-se entre as experiências.

Em ruas onde os limites entre o público e o privado se diluem, como no Passo dos Negros, a narração dos lugares torna-se uma reconstrução social constante, uma subjetividade coletiva onde a memória é compartilhada e ressignificada. Como afirma Langone (2024a, p. 51) no *Verbolário da Caminhografia Urbana*, citando Muniz Sodré, a ancestralização envolve aspectos “éticos, políticos, ontológicos e cosmológicos”. Em seguida, a autora conclui que ancestralizar é “lutar, ‘falar’, ‘escrever’ sobre a ‘sabedoria herdada’” (Langone, 2024a, p. 52). Em outros casos, contudo, os próprios moradores (re)constroem narrativas que podem divergir, evidenciando que as percepções que a população tem sobre o seu lugar podem se tornar variadas e até contraditórias.

4.1 A experiência sensorial e a dinâmica subjetiva

As caminhadas revelaram as margens do Canal São Gonçalo como um espaço de transição e transformação, frequentemente excluído dos marcos convencionais do planejamento urbano. Ao percorrer essas zonas, os pesquisadores não apenas observaram a realidade urbana, mas também vivenciaram intensamente as sensações provocadas pelo território e em seu próprio território (Figura 4).

Figura 4: Fotografias tiradas pelo grupo ao caminhar pelas margens do Canal São Gonçalo, registrando e mapeando a realidade urbana em uma escala de aproximação e intensidade.



Fonte: Autores, 2024.

4.2 O corpo-organismo e a produção de subjetividade

A interação direta com a paisagem do canal exemplificou o conceito de corpo sem órgãos, proposto por Deleuze e Guattari (2011), no qual os participantes tornaram-se agentes ativos de transformação territorial. As margens deixaram de ser um espaço de observação passiva e converteram-se em um território de imersão ativa, onde as dinâmicas sociais, culturais e ambientais também reconfiguraram as subjetividades daqueles que caminharam. As interações com a paisagem, seja por meio de registros visuais ou conversas, geraram uma multiplicidade de leituras e experiências, refletindo a natureza fluida, contraditória e potencialmente criativa do território (Figura 5), abrindo-se ao corpo-sem-órgãos enquanto experiência.

Figura 5: Registros e transcrições de conversas realizadas a partir de uma pergunta disparadora, caminhada sem trajeto definido, com o objetivo de nos encontrarmos ao nos perdermos.





"CONHECE O PASSO DOS NEGROS? ONDE FICA?"
Caminhada realizada em dupla.

- Senhor de aproximadamente 60 anos:
"É o passo dos brancos também?"
Posteriormente, disse conhecer e nos indicou o caminho.

- Jovem de aproximadamente 18 anos:
"Não faço a menor ideia..."

- Porteiro da ZECON, 40 anos:
"Conheço, moro aqui há 30 anos, o passo dos negros fica **perto da Zezé, vocês estão longe...para chegar lá é melhor ir por cima do aterro, beirando o arroio**"

- Eliana, 68 anos:
Perguntamos se ela conhecia o passo dos negros, e da janela de casa, nos respondeu que sim e quando iria começar a explicar onde ficava, disse que sairia no portão. Muito atenciosa, nos convidou para entrar no terreno, e contou um pouco sobre ela, além do fato de que havia entrado água nos fundos (imagens do local).
"Nesta área já não está mais sendo fácil, agora a água entra e por um tempo tivemos que sair de casa"



Luis nos recibió con muchas ganas de hablar, si bien sabia como llegar a Paso dos negros, no sabia el porque del nombre. Pero nos contó muchas cosas de su vida y nos invito a volver. En la actualidad la comunicación está dominada por las redes sociales y aplicaciones, pero la comunicación real, cara a cara es necesaria. Luis estaba feliz de hablar y ser escuchado atentamente. Todos queremos ser escuchados.





COMO POSSO CHEGAR AO PASSO DOS NEGROS? SABE ONDE FICA?

A caminhada foi feita em dupla e andamos pelo bairro da Balsa sem um trajeto definido, com intenção de nos encontrar nos perdendo.

A primeira conversa:
Enquanto caminhávamos, encontramos uma senhora que estava indo até a parada de ônibus e nos perguntou se sabíamos o horário do próximo ônibus. Aproveitamos a oportunidade para perguntar se ela sabia onde ficava o Passo dos Negros e como poderíamos chegar até lá. A senhora, que aparentava ter **mais de 70 anos**, foi muito gentil. Disse que **conhecia o local**, pois **costumava caminhar por ali com frequência**. Ela nos deu duas opções de caminho, sugerindo que na segunda opção deveríamos perguntar novamente durante o trajeto para não nos perdemos. Ela disse que **o lugar mudou de nome: "Antes era Passo dos Negros mas agora é Av. Cidade Rio Grande."**

A segunda conversa:
Seguindo as instruções da senhora, continuamos caminhando e encontramos um **grupo de adolescentes** andando pela rua. Perguntamos se eles sabiam onde ficava o Passo dos Negros e se estavam no caminho certo. No entanto, **eles nunca tinham ouvido falar do local e não souberam nos ajudar**.



Oi, com licença, sabe me dizer onde fica o passo dos negros?
Começamos todos os diálogos com nossos 3 interlocutores da mesma forma.
O primeiro deles, um senhor de mais ou menos 60 anos e também o mais solícito nos respondeu com dois caminhos diferentes.
Costumava ser tudo isso daqui, mas aí foram habitando tudo
Morador do bairro há mais ou menos 60 anos também só tinha coisas boas a falar sobre.
O segundo senhor com quem conversamos nos explicou esses mesmos dois caminhos, o que "vai costeando o aterro" e o outro, mais longo.
Ih gurias, isso é bem longe daqui
Disse antes de nos dar direções.
O terceiro não sabia, pesquisou no Google para nos explicar, segurança/porteiro do veleiro e não morador do bairro, conversamos principalmente sobre a enchente e como ele precisou continuar trabalhando mesmo com a água batendo na porta.

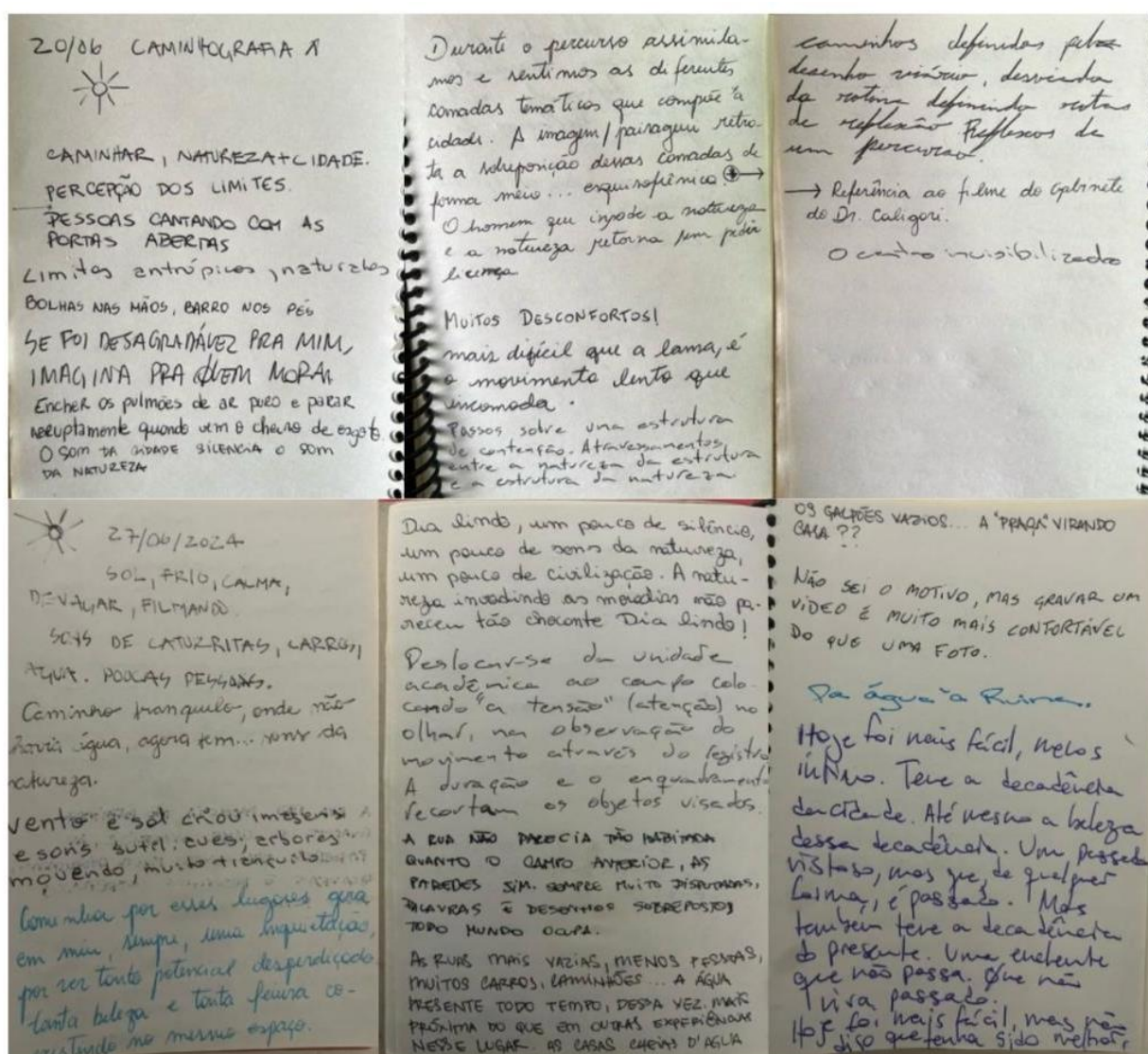
Estava muito frio, todo mundo parecia preferir estar em casa.
Trecho do meu diário de campo

Fonte: Autores, 2024.

4.3 A produção coletiva de subjetividade

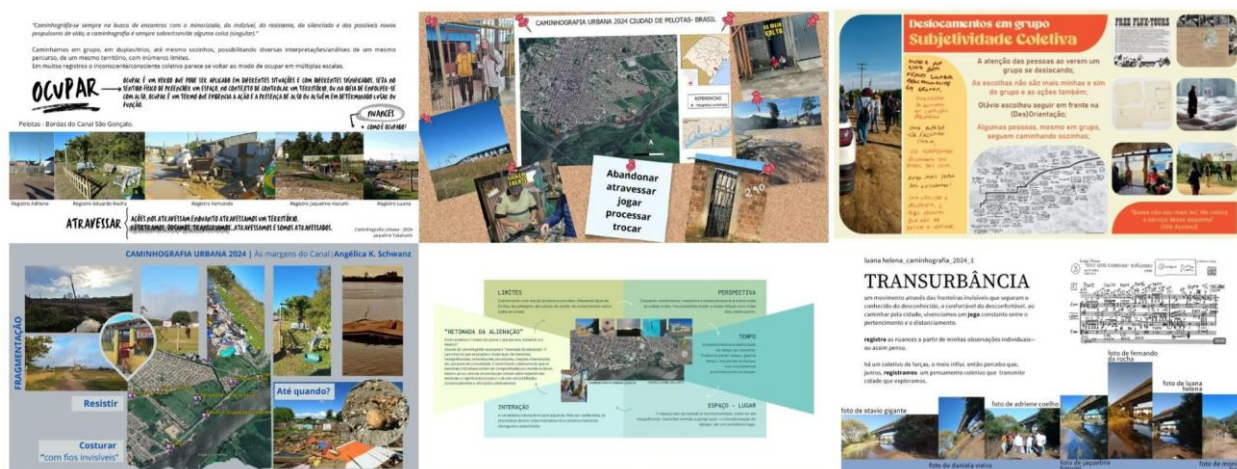
A análise dos dados, fotografias, vídeos, anotações de campo, foi realizada coletivamente, culminando em uma tabela compartilhada de interpretação. Esse processo, somado à escrita coletiva realizada ao final de cada caminhada (Figura 6), gerou um repertório comum que permitiu ampliar a compreensão sobre as dinâmicas sociais e espaciais nas margens. As experiências individuais entrelaçaram-se, permitindo o surgimento de novas formas de significação e subjetividade, desafiando a dicotomia entre centro e periferia, o urbano e o natural, a cidade formal e informal (Figura 7).

Figura 6: Escritas coletivas realizadas ao final das caminhadas.



Fonte: Autores, 2024.

Figura 7: Apresentações individuais realizadas a partir do material produzido coletivamente nas caminhadas.



Fonte: Autores, 2024.

4.4 Paisagem sentida, cidade reescrita

O projeto de caminhografia urbana revelou que a interação entre corpo, território e subjetividade nas margens do Canal São Gonçalo não constitui um processo linear, mas contínuo, mutável e sensível. O território, inicialmente desconhecido, foi reinterpretado na medida em que os pesquisadores se vincularam a ele, transformando suas próprias percepções e ampliando a compreensão sobre as margens da cidade.

Essas áreas, longe de representarem apenas espaços de exclusão, mostraram-se como territórios de resistência, criação e possibilidade, onde emergem novas formas de habitar a cidade. O estudo evidenciou que as margens do Canal São Gonçalo são territórios simbólicos e dinâmicos, que tensionam as categorias fixas de “centro” e “periferia”. Mais do que espaços de passagem, são campos de experimentação urbana, onde a cidade se reinventa por meio das interações entre sujeitos, paisagens e ciclos da natureza.

A caminhografia urbana, nesse contexto, oferece uma nova perspectiva sobre o habitar urbano, promovendo a emergência de subjetividades alternativas e novas formas de sentir, viver e projetar o urbano. Ao caminhar, os corpos interpretam e reescrevem o espaço, ativando uma paisagem sensível, marcada por memórias, afetos e conflitos. Trata-se de uma paisagem em processo, não uma imagem estática do território, mas uma superfície vibrátil, permeada por fluxos materiais e imateriais.

5 Caminhar à margem: experiências de habitar e subjetivar o território

A caminhografia urbana realizada nas margens do Canal São Gonçalo possibilitou aos pesquisadores uma dupla leitura do espaço, uma hermenêutica ampliada: por um lado, a aproximação das percepções que os moradores têm de sua cotidianidade; por outro, a vivência direta, a partir do corpo do próprio pesquisador, desse mesmo entorno. Assim, gera-se um novo dado: a percepção de uma realidade previamente percebida por outro, um olhar subjetivo sobre uma subjetividade já constituída.

A análise desenvolvida, a partir do corpo-organismo na margem, produção de subjetividade e corpo sem órgãos (CsO), permitiu uma compreensão expandida sobre as

dinâmicas espaciais, afetivas e sociais das margens do canal. Esses três vetores conduzem a uma reflexão crítica sobre as práticas espaciais, as trajetórias corporais e os modos de habitar em contextos liminares.

As margens do Canal São Gonçalo se configuram como paisagens em transição, territórios atravessados por fluxos materiais e imateriais, onde o corpo é continuamente interpelado pelo ambiente. A experiência dos diversos corpos, mais ou menos organizados, na margem revela-se como uma prática adaptativa, de reconfiguração das formas de habitar, resistir e significar. Não se trata apenas de uma borda física, mas de uma paisagem simbólica, carregada de encontros, tensões e sentidos que emergem da interação constante entre natureza e cultura.

Sob essa perspectiva, a caminhografia urbana destaca os movimentos corporais como agentes interpretativos: por meio do caminhar, o corpo decodifica signos espaciais e os (re)inscreve como narrativas, afetos e memórias. Essa paisagem caminhográfica não é um mero pano de fundo, mas um campo sensível que abriga múltiplas camadas de sentido, onde o espaço é continuamente produzido pelas práticas e experiências dos sujeitos.

Nesse horizonte, as margens são também territórios de produção de subjetividade. O vínculo com o espaço – seja pela exploração caminhográfica ou pela vida cotidiana – revela como os sujeitos (re)constroem suas identidades a partir das experiências vividas nessa faixa liminar. Aqui, a subjetividade é compreendida como uma construção ativa, múltipla e situada, atravessada por memórias, afetos, conflitos e alianças. A margem aparece como um lugar de potência criativa, onde o urbano e o natural se entrelaçam, gerando repertórios de significados compartilhados.

As margens, concebidas a partir da ideia de corpo sem órgãos, revelam-se como espaços vivos de desterritorialização e reinvenção, nos quais se rompem as normas da cidade planejada e emergem formas alternativas de existência urbana.

A partir da articulação entre corpo, paisagem e subjetividade, as margens do Canal São Gonçalo não devem ser compreendidas apenas como zonas periféricas, mas como territórios simbólicos e dinâmicos — verdadeiros laboratórios de experimentação social, espacial e estética. São paisagens em devir, que nos convocam a repensar a cidade a partir de seus bordos: zonas férteis de onde emergem novas formas de vida, de habitar e de sentir o urbano, de pulsar o desejo.

A margem como paisagem implica um espaço aberto, fértil e sensível, onde emergem subjetividades que transbordam as lógicas da cidade planejada. É também um campo rítmico e poroso, onde os ciclos naturais – como a água, o vento, a vegetação – dialogam com as intensidades do habitar humano. Estar na margem é ativar uma zona de transição constante, onde o formal e o informal, o urbano e o fluvial, o visível e o latente se entrelaçam.

Ainda que se estendam e serpenteiam, criando pequenas enseadas e microterritórios que tocam tanto a cidade formal quanto suas zonas esquecidas, as margens rompem com a linearidade do espaço-tempo, rasgando o organismo, no sentido deleuziano-guattariano (2011), para abrir-se a uma experiência leve, livre e sensível da paisagem. Nesses fragmentos do território, onde o corpo sente e reinterpreta, revelam-se outras possibilidades de existência — mais lentas, mais próximas, mais vivas.

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio das agências de fomento que viabilizaram o desenvolvimento desta pesquisa. Agradecemos especialmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento por meio da Chamada Pública MCTI/CNPq nº 14/2023 – Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação e da Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023 – UNIVERSAL Faixa B – Grupos Consolidados.

Registramos também o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), por meio do Edital FAPERGS 07/2021 – Programa Pesquisador Gaúcho – PqG.

Agradecemos, ainda, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte concedido por meio da Bolsa de Demanda Social, essencial para a formação de pesquisadores envolvidos neste trabalho.

Reconhecemos, por fim, as instituições parceiras e os colaboradores externos que contribuíram com o processo investigativo, especialmente nas atividades de campo e na organização dos dados.

Referências

- CASEY, Edward S. **The fate of place: a philosophical history**. Berkeley: University of California Press, 1997.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. 3. ed. São Paulo: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, v. 1: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, v. 3: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão, Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.
- FIGUEIREDO, Bethânia Machado; ALVES, Johny Barreto; MILANI, Idel Cristiana Bigliardi. Caracterização ambiental do Canal São Gonçalo - RS. In: PACHECO, Clécia Simone Gonçalves Rosa; SANTOS, Reinaldo Pacheco dos; GAVILANEZ VEJA, María de Lourdes (org.). **Direito, Meio Ambiente e Ecologia Humana: contribuições para a sustentabilidade socioambiental**. São Paulo: Editora Científica Digital, 2023. p. 92-108.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
- INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. Londres: Routledge, 2011.

Rocha, E.; Salcedo, A. P. F.; Goularte, D. V.; Takahashi, J. H. D.; Santos, T. B.
Análise em Caminhografia Urbana: paisagem, território, cultura e natureza nas margens do Canal São Gonçalo, Pelotas (Brasil)

LANGONE, Ana Paula. Ancestralizar. *In*: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos (org.). **Verbolário da caminhografia urbana**. Pelotas: Caseira, 2024a. p. 51-52.

LANGONE, Ana Paula. **Passo dos Negros**. [S. l.]: 2024b. Disponível em: <https://www.analangone.art/passodosnegros>. Acesso em: 20 out. 2025.

ROCHA, Eduardo. TRANScidade: a caminhografia urbana no centro de Pelotas/RS. **URBE: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 16, p. 1-24, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.016.e20230084>. Acesso em: 20 out. 2025.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos (org.). **Verbolário da caminhografia urbana**. Pelotas: Caseira, 2024.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos; DEL FIOL, Pedro Paulo. Registrar, jogar e criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. **Revista GEARTE**, v. 11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.134401>. Acesso em: 20 out. 2025.